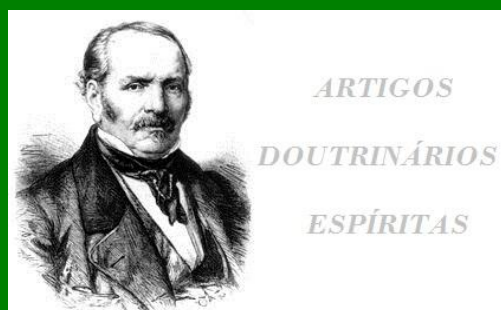


www.autoresespiritasclassicos.com



Artigos Espíritas
As mediunidades de Leonora E. de Piper

Extraídos da obra
Antonio Cesar Perri de Carvalho - Os Sábios e a Senhora Piper

XIX

Tipos de manifestações

A médium de Boston era portadora de um potencial medianímico exuberante. Os diversos dons mediúnicos de que foi portadora, em parte, já transpareceram no transcórre deste trabalho, mas embora a literatura espírita, principalmente a brasileira, não tenha muitas referências a ela, colecionamos mais algumas ilustrações de suas manifestações.

Clarividência

A clarividência é a faculdade em que o médium, em transe ou em vigília, percebe imagens ou fatos que estão acontecendo a distância, independendo de barreiras físicas. Etmologicamente significa a faculdade de se ver com clareza.

Ao se referir à clarividência da sra. Piper, o prof. Charles Richet comentou: “Se para afirmar esse poder misterioso da nossa inteligência não tivéssemos senão as experiências realizadas com essa médium, seria isso largamente suficiente. A prova está dada, e de maneira definitiva”.

Há vários fatos que sugerem a clarividência, dentro das atividades medianímicas de Leonore Piper, a começar da vez que a sogra de James foi vê-la, por curiosidade, e voltou assombrada dos resultados, principalmente com relação a nomes e prenomes de membros de sua família.

Ainda envolvendo o prof. William James, está registrado que certa feita ele havia procurado em vão um livro desaparecido. A sra. Piper descreveu-o tão bem, localizando o lugar em que ele se achava, que James o encontrou. Este relatou que isso se repetiu diversas vezes, com ele próprio, até com relação a coisas que ignorava. Assim, o prof. James concluiu que a sra. Piper, no estado de transe, tem conhecimento de fatos dos quais de forma alguma poderia dar-se conta ou ter ouvido quando acordada.

Esse conhecimento de fatos e coisas, por vias paranormais, independentemente dos órgãos dos sentidos, foi denominada criptestesia por Charles Richet. Este pesquisador recorre às manifestações da sra. Piper para a exemplificação desta faculdade.

Assim, Richet anota que “mesmo que não houvesse no mundo nenhum médium, a não ser a sra. Piper, isso seria suficiente para que a criptestesia fosse cientificamente provada”.

Psicometria

O prof. Charles Richet exemplifica um caso de psicometria com fato ligado à sra. Piper. Inúmeras vezes, tocando em mechas de cabelos ou objetos que haviam pertencido a outras pessoas, a sra. Piper mencionava detalhes preciosos sobre a referida pessoa.

Dessa forma, psicometria vem a ser uma manifestação semelhante à clarividência, mas o médium tem que tocar no objeto para dar

informações que podem envolver o passado e o presente da pessoa relacionada com o objeto.

Numa das primeiras reuniões da sra. Gibbins, sogra de William James, com a sra. Piper, ela levou uma carta da cunhada, escrita em italiano, cujo autor não era conhecido senão por apenas duas pessoas nos Estados Unidos. Leonore Piper colocou a carta sobre a testa e descreveu rigorosamente as condições em que vivia a pessoa que a escreveu.

Vários autores comentam que a sra. Piper prestava informações sobre coisas e fatos fora do alcance normal dos sentidos; diagnosticava doenças de maneira incompreensível; descrevia pessoas servindo-se apenas de objetos que, no presente ou no passado, lhes haviam pertencido.

Psicofonia

Geralmente as manifestações verbais designadas por incorporação, ou, melhor ainda, por psicofonia, naquela época eram, muitas vezes, chamadas genericamente de transe. Assim, este termo aparece em muitos textos. Para designar o espírito que supervisiona as atividades, por alguns chamado de “guia” ou “mentor”, nos textos ingleses geralmente aparece o termo “controle”.

Os vários registros dos pesquisadores deixam claro que Leonore Piper era médium psicofônica inconsciente, o que é raro.

A psicofonia foi a maneira de comunicação de Phinuit, entre os anos 1884 e 1897. Depois, durante o período das manifestações de Pelham, Hodgson e o grupo Imperator, variava entre psicofonia e psicografia.

O prof. James e o dr Hodgson sentiram claramente as diferenças nas manifestações de Phinuit e as de George Pelham e do grupo Imperator. O fato de as primeiras serem agitadas e conturbadas e as dos dois últimos serem tranquilas, a ponto de Andrew Lang opinar que as manifestações de Phinuit causam má impressão em pessoas inteligentes, nos servem de indicativo que, provavelmente, Phinuit não era um espírito equilibrado, como vários autores sentiram e escreveram. Por outro lado, deve ter havido um amadurecimento da mediunidade de Leonore Piper e uma

melhor orientação, o que redundou nas melhores fases, com manifestações de Pelham, Hodgson e o grupo Imperator.

Porém, foi o espírito Phinuit quem deixou uma observação interessante: “Quando a sra. Piper está em transe, eu me pressiono. O médium é para vós como que um farol, enquanto que para vós, não médiuns, sois para nós escuros, como que não existentes; mas, cada vez que vos vemos, é como que em meios ou apartamentos escuros, clareados por uma espécie de janelinhas, que são os médiuns”.

O pai do prof. James Hyslop, durante uma das comunicações com o filho, faz esclarecimentos curiosos: “Para entrarmos em comunicação convosco devemos penetrar na vossa esfera, adormecer como vós; eis porque cometemos erros, somos incoerentes. Sou inteligente como antes, mas as dificuldades para falar convosco são bastante grandes. (...) Amigos, não considereis isto com os olhos de crítico: o espírito que se comunica convosco, valendo-se do médium, é igual a um que se enfia dentro do tronco de uma árvore oca”.

O espírito George Pelham faz outra comparação: “No transe o corpo etéreo do médium sai do corpo físico, como no sonho, e deixa vazio seu cérebro, e então nós nos apossamos dele. Vossa conversação nos chega como que por telefone de estação distante. Falta-nos a força, especialmente ao finalizar a sessão, na pesada atmosfera do mundo”.

Esta última assertiva espiritual nos enseja muitas considerações. Porém, hoje em dia, todos esses detalhes estão magistralmente comentados na chamada série André Luiz, da lavra psicográfica de Francisco Cândido Xavier.¹ Aliás, este último sempre se refere a imagem semelhante quando o procuram, insistindo em manifestações; diz ele: “O telefone só toca de lá para cá...”

A pesquisadora Eleanora Sidgwick e outros empregaram o termo “possessão” e, inclusive, discutiram muito entre as hipóteses “possessão” e “telepatia” para justificar as comunicações entre mortos e vivos. A rigor, a palavra “possessão” é inadequada, e mesmo na psicofonia inconsciente, a expressão de Pelham “o corpo etéreo do médium sai do corpo físico” não é uma emancipação total. Se isso ocorresse assim tão drasticamente e o espírito do comunicante “se apossasse” do corpo do

médium, até que daria idéia de “possessão”. Talvez esta seja a sensação de espíritos menos esclarecidos sobre o mundo espiritual, ou pelo menos reflita a sua dificuldade em se expressar sobre tal.

Na psicofonia consciente o espírito comunicante entra em contato com as irradiações perispirituais do médium e há um processo de transmissão e de captação de pensamentos que nada mais é do que uma telepatia entre o espírito e o médium. Já na psicofonia inconsciente, que é muito rara, mas parece ter sido a forma desenvolvida pela sra. Piper, ocorre a exteriorização perispiritual do médium, mas mesmo assim o espírito do médium continua responsável pelo desempenho mediúnico. Essa exteriorização é que deve ter dado a idéia registrada por Pelham.

Na verdade a sra. Sidgwick, apesar do seu ceticismo, levantou uma hipótese próxima da realidade, de que “as personalidades de transe” da sra. Piper atuariam telepaticamente. Os enganos da pesquisadora foram a insistência em não reconhecer os espíritos como “as personalidades de transe”, em se fixar muito na possibilidade de telepatia entre eles e os consulentes. Se tivesse contado com a possibilidade dos espíritos de comunicarem telepaticamente com a médium e com os consulentes, ficaria mais claro o caminho para o entendimento do transe mediúnico.

Léon Denis, em sua magistral obra *No Invisível*, considera que entre os fenômenos de transe, figuram em primeiro plano as manifestações devidas à mediunidade da sra. Piper. E diz mais: “O estudo de suas faculdades constituíram o objetivo de numerosas sessões cujos resultados foram consignados nos *Proceedings of the Society for Psychical Research*. Formam 650 páginas, constituindo o tomo XVI, que teve um resumo publicado em francês: M. Sage ...”

Psicografia

Nos livros estrangeiros aparece, costumeiramente, o termo “escrita automática”. Psicografia é um fenômeno bem divulgado em nosso país. É a manifestação escrita, utilizando-se o braço do médium.

Leonore Piper desenvolveu-se na psicografia principalmente no período de 1892 a 1896, sob a supervisão do espírito George Pelham.

Todavia lembramos que sua manifestação mediúnica inicial na reunião do médium Cocke, em 1884, foi uma psicografia dirigida ao Juiz Frost.

A psicografia da sra. Piper teve características importantes, pelo fato de ela escrever simultaneamente com as suas mãos, sob a atuação de dois espíritos distintos e, ainda, conforme já registramos anteriormente, ter sido intermediária para as famosas “correspondências cruzadas”, a partir de 1906.

Com referência à caligrafia, sabe-se que é rara a reprodução da letra do comunicante, tal como escrevia quando encarnado. O espírito Pelham não reproduzia sua própria caligrafia, mas o espírito Hodgson, em sua primeira manifestação, teve sua letra identificada e o fenômeno se repetiu em várias sessões.

Não apenas a caligrafia, em alguns casos, mas principalmente o conteúdo das mensagens e até pequenos detalhes, serviram de subsídios para a comprovação do fenômeno em si e também da identidade dos comunicantes. Inclusive, destacamos que Myers considerou esse período das atividades mediúnicas da sra. Piper como o mais importante. Após a morte dele ela deu início às “correspondências cruzadas” e recebeu pela escrita mensagens de impacto, como a do “Faunus”.

Embora tanto a psicofonia como a psicografia e outros dons da sra. Piper tenham sido utilizados como provas da sobrevivência do espírito, a partir de pequenos detalhes das manifestações, ou ainda, em manifestações tipo impacto, Alta Piper colecionou alguns aforismos obtidos principalmente na segunda fase da mediunidade de Leonore Piper, dos quais transcrevemos alguns a título de ilustração.

Línguas estrangeiras

As manifestações em línguas estrangeiras – xenoglossia –, que é a faculdade dos médiuns falarem ou escreverem em línguas vivas ou mortas, também ocorreram com a sra. Piper.

Além do exemplo já relatado em outro tipo de manifestação, em que ela traduziu uma carta escrita em italiano, há outros casos onde se caracteriza melhor a xenoglossia.

Certa feita apresentaram à médium as primeiras linhas do “Pater”, escrito em grego, e depois de algumas hesitações o espírito Phinuit o traduziu, mas no segundo versículo acertou apenas as primeiras palavras, mesmo ajudado pelo espírito Moses.ⁱⁱ A sra. Piper não sabia nenhuma palavra de grego, e se o traduzisse do pensamento dos presentes, tê-lo-ia traduzido no todo e não em parte.

É ainda Lombroso que comenta a manifestação de uma havaiana por intermédio da sra. Piper, tendo falado algumas palavras do seu idioma, o qual era desconhecido dos participantes da reunião.

Precognição

Algumas predições foram marcantes dentro das atividades mediúnicas de Leonore Piper.

Em “relato de casos” incluímos a predição que Phinuit fez à srta. Pitman.

Logo mais comentaremos a mensagem “Faunus”, que envolve a predição da morte do filho de Sir Oliver Lodge.

ⁱ Das 16 obras da chamada “Série André Luiz”, a editora FEB destacou um conjunto de 13 obras que formam a “Coleção a Vida no Mundo Espiritual”, uma preciosa coletânea de narrativas e observações sobre as atividades dos desencarnados, abordando inúmeros assuntos de extrema importância doutrinária. (Nota do revisor.)

ⁱⁱ William Stainton Moses (1839-1892) – famoso médium e religioso inglês.